



# Poema

# NO CEMITÉRIO\*

Auta de Souza\*\*

Não desperteis aqueles que aqui dormem  
A sombra do Cypreste solitário;  
Respeitai a mudez dos que se forão  
E descansam no leito mortuário

Não deveis rir aonde os mortos chorão  
E as campas são cobertas de saudades  
Nem deveis olhar com indiferença  
As pallidas grinaldas da amisade

Aqui repousa a virgem descuidosa  
Que morreu na vigília do noivado;  
Bem perto dorme a loira creancinha  
O sonho derradeiro e immaculado.

Além, descansa a mãe estremecida  
E o filho sobre a campa se debruça ...  
A dous passos, no tumulto do esposo,  
Resa a pobre viuva que soluça

E os finados escutam os gemidos  
Dos entes que adorarão sobre a terra,  
Elles sabem a agonia de um suspiro  
A dor profunda que uma magua encerra  
Choremos, assim ...  
Choremos ... estas lousas  
Escondem restos de quem soube amar  
De joelhos oremos sobre os tumulos  
Como se resa junto de um altar.

---

\* Poema escrito em 2 de novembro de 1893. Até onde se sabe, trata-se de um inédito, encontrado pela Profa. Dra. Ana Laudelina Ferreira Gomes, do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, em consulta ao manuscrito *Dhalias*, que traz poemas de Auta de Souza do período compreendido entre 1893 a 1897. Consultar Ana Laudelina Ferreira Gomes. *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC de São Paulo. São Paulo, abr. 2000, p. 254.

\*\* Uma das mais importantes escritoras oitocentistas do Brasil. Poeta, nascida em Macaíba (RN). Escreveu dois livros, publicados postumamente: *Dhalias* e *Horto*, este último, espécie de síntese do primeiro, foi publicado contando com cinco edições, sendo prefaciado e comentado por celebridades da literatura e crítica nacional, especialmente a crítica católica. Uma coletânea de poemas seus, musicados por compositores regionais, sobreviveu ao tempo na oralidade; pesquisa e registro escrito da mesma foi realizado e publicado. Morreu aos 24 anos de tuberculose, que a acompanhara desde os quatorze (por Ana Laudelina Ferreira Gomes).